

# MOTRICIDADE INFANTIL: Lateralização

Arthur Luchetta Moura Aranha<sup>1</sup>; Kemily Aparecida Silva<sup>1</sup>; Thiago Rodrigo da Silva<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup> Graduando em Educação Física, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; <sup>2</sup> Profissional de Educação Física – FUNEC, esp. em Psicomotricidade e Educação Física Escolar – FAVENI, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

\* autor correspondente: trs.edfisica@gmail.com

## RESUMO

A lateralidade é uma habilidade motora com grande índice de dificuldade na assimilação do desenvolvimento infantil. O fato pode acarretar diversos problemas relacionados à questão de aprendizagem, resultado dessa má definição inicial. Pensando na ingressão da criança na fase escolar, destaca-se o professor de Educação Física, tendo como objetivo levar a criança a buscar e detectar sua preferência lateral, e posteriormente trabalhá-la. Com isso, contribuir para o desenvolvimento motor da criança, especificamente em sua lateralidade. Há um alertar aos profissionais de educação física sobre as necessidades do bom desenvolvimento lateral, e a contribuição para a elaboração de atividades que possam ser trabalhadas no âmbito escolar, atividades básicas que podem melhorar o desenvolvimento nas demais disciplinas e principalmente poder, através das atividades desenvolvidas, pré-diagnosticar um atraso no desenvolvimento lateral da criança, ou uma deficiência lateral. Atualmente, há um número enorme de profissionais que deixam de trabalhar as habilidades básicas na fase infantil, e se acomodam ao básico confortável. Fazendo com que o presente tema seja cada vez mais necessário de ser abordado, para que futuramente o número de crianças com atrasos motores e problemas de aprendizagem, desencadeados pelo mal desenvolvimento da lateralização, tende a ser cada vez menor.

**PALAVRAS-CHAVE:** lateralidade; psicomotricidade; desenvolvimento motor.

## 1 INTRODUÇÃO

A lateralização constitui um elemento importante na adaptação psicomotora, pois existe um predomínio motor com dominância em um dos lados do corpo, preferencialmente o que apresenta maior força, precisão e rapidez. O mesmo executa a ação principal, embora, seja auxiliado pelo outro lado que também é importante, pois os dois lados funcionam de forma complementar. É necessário ser considerado aspectos como, sua origem fisiológica e ambiente familiar, ao avaliar e orientar o desenvolvimento lateral, em seus três níveis: mão, olho e pé (NEGRINE, 1986).

A definição da lateralidade assume muita importância no desenvolvimento

infantil, uma vez que a não definição da lateralidade pode acarretar problemas como os de fala e de aprendizagem. É por meio da psicomotricidade, que a criança chega ao domínio de seus comandos motores, num contexto de relação entre o social e o afetivo, obtendo, como consequência, sentimentos de confiança entre si mesma, necessários a uma autoimagem positiva (FONSECA, 1988).

A respeito da prática de atividades recreativas, referentes a lateralização da criança na vida escolar, é necessário que se criem situações em que ela possa se expressar espontaneamente nas quais elas tenham toda a confiança em seu corpo e em seu desempenho motor e, em que se defina o seu lado dominante sem que haja pressões de

qualquer ordem do meio exterior, de forma prazerosa, essas sim podem favorecer e muito no desenvolvimento infantil (FONTANA, 2012).

Explicitando lateralidade, visando os benefícios no desenvolvimento infantil e a sua importância quando bem trabalhada, prevenindo uma deficiência nas fases da adolescência e adulta, pois o desenvolvimento motor constitui um processo sucessivo de alterações e capacidades motoras funcionais que iniciam desde os primeiros dias de vida até o seu fim (GALLAHUE; OZMUN, 2003, p. 11).

O risco de deficiência no aprendizado da lateralidade nos anos pré-escolares pode ser extenso, devido que nesta fase as crianças adquirem proporções características que conservarão por toda a vida, e em boa parte das vezes, não são submetidas a estímulos necessários o suficiente para o desenvolvimento das habilidades motoras básicas iniciais. No ambiente familiar, principalmente.

O objetivo do presente artigo é ressaltar a importância das atividades físicas para o bom desenvolvimento lateral no período inicial infantil, e os possíveis problemas futuros que podem ser evitados. Além disso, descrever a importância do pré-diagnóstico para se evitar atraso no desenvolvimento lateral.

Realizou-se uma revisão de literatura sobre a lateralidade, por meio de um levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados em plataformas, como Passei Direto e Google Acadêmico. Utilizou-se as palavras chaves lateralidade, psicomotricidade, Gllahue, crescimento e desenvolvimento motor.

## 2 LATERALIDADE

O termo lateralização, do latim lateralization, quer dizer “lado” e tem sido tema de estudo de muitos autores que se dedicam ao estudo da psicomotricidade, da linguagem e das dificuldades de

aprendizagem. A lateralidade é parte da assimetria, onde há um predomínio em partes de lados opostos distribuídas em torno de um centro ou eixo (TEIXEIRA, 2006).

Na literatura, existem várias definições de lateralidade, tais como, sensação de que o corpo tem dois lados, e que existem duas metades do corpo não exatamente iguais (HOLLE, 1979); uma tradução de um predomínio motor referido aos segmentos direito ou esquerdo do corpo (LE BOULCH, 1984); espaço interno do indivíduo, que o capacita a utilizar um lado do corpo com melhor desembaraço que o outro em atividades que requeiram habilidade, caracterizando-se por uma assimetria funcional (NEGRINE, 1987); predomínio de um lado do corpo sobre o outro, sendo à utilizada com maior regularidade para referir-se à predominância de uma mão sobre a outra, por ser mais frequente (ROMERO, 1988).

### 2.1 Lateralidade e psicomotricidade

A lateralidade é uma das habilidades motoras com um grande índice de dificuldade na assimilação do desenvolvimento infantil, onde sabemos que a lateralização constitui um elemento importante na adaptação psicomotora (BRYDEN, 1997).

A psicomotricidade é uma modalidade global educativa, que leva a tomar consciência de si mesma, de seu espaço, de seu esquema corporal, de sua coordenação, do domínio do tempo, de seus gestos e movimentos, para a afirmação da lateralidade (LE BOULCH, 2001 apud VAYER, 2009).

Durante o crescimento se define naturalmente a lateralidade na criança: se ela será mais forte, mais ágil no seu lado dominante. É bom enfatizar que a lateralidade corporal se refere ao espaço interno do indivíduo, que o capacita a utilizar um lado do corpo com melhor desembaraço que o outro, em atividades que requeiram habilidades, caracteri-

zando por uma assimetria funcional (NEGRINE, 1986).

## 2.2 Tipos de lateralização

O predomínio lateral é funcional e relativo, o que não justifica a mesma proporção de destros e sinistros. Na literatura, vários autores definem diferentes tipos de lateralidade. Negrine (1986) destaca três tipos de lateralidade, (i) lateralidade homogênea definida (predominância de um dos lados do corpo em todas as atividades propostas quanto a habilidades da mão, de pé e olho. São denominados destros aqueles com dominância do lado do corpo e sinistros os que possuem dominância do lado esquerdo do corpo); (ii) lateralidade definida cruzada (domínio parcial de uma das partes do corpo. Mas que possui dominância no segmento. Por exemplo, um indivíduo que é destro de pé e de mão e sinistro de olho); e (iii) lateralidade indefinida (falta de definição em qualquer dos segmentos corporais, mão, pé ou olho). Por exemplo, uma pessoa que em três atividades a realizar com a mão, usa em duas delas uma e na outra, a mão oposta.

Coste (1992) destaca quatro tipos de lateralização, (i) destalidade verdadeira (dominância cerebral está à esquerda. Todas as realizações motrizes são determinadas à direita). O caso estatisticamente mais frequente, o hemisfério esquerdo comanda o hemicorpo direito, o que leva o indivíduo a uma utilização preferencial desse hemicorpo na realização prática. O destro verdadeiro é aquele que possui a mesma dominância nos três níveis: mão, olho e pé, do lado direito. Ao hemisfério esquerdo pertencem, as agnosias (conhecimento sintético, identificação de coisas já vistas, ouvidas ou tocadas, do corpo em sua totalidade), as praxias ideatórias e ideométricas (estabelecem a organização no tempo e no espaço de movimentos em seu nível mais alto), elaboração de conceito (em nível elevado, são elaborados

os conceitos e representações mentais, a partir dos quais são codificados os símbolos da linguagem, cujo alvo é a compreensão e a expressão escrita ou falada), e a utilização de palavras e números (a qual, no adulto, depende do hemisfério dominante). O destro bem lateralizado apresenta dominância do hemisfério esquerdo, o que não parece ser totalmente aceito para o caso oposto; (ii) sinistralidade verdadeira (dominância cerebral traduz uma especialização à direita dos hemisférios). Broca (1969) pôs em evidência essa origem cerebral do sinistrismo. Pesquisas recentes sobre as funções simbólicas mostram que, na realidade, o sinistrismo não corresponde exatamente a uma recíproca absoluta do destrismo. Na maioria dos casos, é errôneo pensar que o canhoto está organizado sistematicamente às avessas em relação ao indivíduo destro. Na maioria dos casos de sinistrismo ou dominância cerebral direita. Assim, a maioria dos sinistros possui dominância do hemisfério esquerdo. O sinistro verdadeiro é aquele que possui a mesma dominância nos três níveis: mão, olho e pé, do lado esquerdo. Na literatura existem poucas afirmações a respeito das funções específicas do hemisfério direito. Romero (1988), baseando-se em Defontaine, ressalta que uma deficiência nesse hemisfério origina uma hemiassomatognosia (negligência do espaço esquerdo) e danifica a memória topográfica (relação corpo-espaço). Apresenta como exemplo a agnosia viso-espacial, a agnosia das fisionomias, a apraxia de vestir-se, e certas apraxias construtivas; (iii) falsa sinistralidade (na maioria dos casos, trata-se de um acidente, sendo o sinistrismo consequência de uma paralisia, de uma amputação, que tornou impossível a utilização do braço direito). O indivíduo, originalmente destro, foi materialmente impedido de o ser. A criança, hereditariamente destra, mas em que a parte do sistema nervoso central que controla a motricidade sofreu uma lesão, torna-se

canhota; (iv) falsa destrialidade (organização é inversa da observada na falsa sinistralidade). Certo número de crianças tem de início tendência a usar a mão esquerda, porém, sob influência do meio educativo, aprendem a usar a mão direita em determinadas tarefas, particularmente no grafismo, tornam-se aparentemente destros, mas esta nova opção corre o risco de ser vaga, e estas crianças podem permanecer sinistras especialmente no que diz respeito ao olho direito ou ao pé. São diversos os motivos que ocasionam um desvio da lateralidade. Por exemplo, um acidente que provoque uma amputação ou uma paralisia no lado dominante faz com que a pessoa passe a usar o outro lado. Podem ocorrer, também, casos em que esta mudança de prevalência se modifique por motivo de identificação com alguém ou por imposição dos pais ou professores ou por motivo afetivo ou por qualquer outro. Este assunto de lateralidade, desvio da escolha da mão, mudança de prevalência remete-nos a um outro que tem causado muita polêmica entre os diversos pesquisadores do assunto. É o problema das teorias e hipóteses que explicam o porquê entre os diversos pesquisadores do assunto. É o problema das teorias e hipóteses que explicam o porquê da preferência, pelo indivíduo, de um lado do corpo em relação ao outro. O aspecto fundamental no desenvolvimento da lateralidade é que a criança não seja forçada a adotar nenhuma postura. É necessário que se criem situações em que ela possa se expressar espontaneamente e, em que se defina o seu lado dominante sem que haja pressões de qualquer ordem do meio exterior (NEGRINE, 1986).

### 2.3 Perturbações da lateralização

O problema reside quando uma pessoa apresenta uma lateralidade cruzada ou é mal lateralizada o que pode resultar em muitos aspectos negativos, tais como, dificuldade em aprender a

direção gráfica; dificuldade em aprender os conceitos esquerdos e direitos; comprometimento na leitura escrita; má postura; dificuldade de coordenação fina; dificuldade de discriminação visual; perturbações afetivas; distúrbios da linguagem e do sono; dificuldades de estruturação espacial, e aparecimento de maior número de sincinesias, que é o comprometimento de alguns músculos que participam e se movem sem necessidade durante a execução de outros movimentos envolvidos em determinada ação, sendo involuntária e geralmente inconsciente e, relacionada com o estado de fundo tônico, podendo distinguir-se em sincinesias de imitação e sincinesias axiais (OLIVEIRA, 2001).

Deve-se fazer uma distinção entre lateralidade como domínio de um dos lados do corpo e como conhecimento das noções de direita e esquerda. Estes últimos conceitos devem suceder à definição de sua própria lateralidade (FONSECA, 1994).

Uma criança toma seu corpo como ponto de referência no espaço e, se ela se confunde ou não conhece sua dominância, pode não perceber o eixo de seu corpo e conseqüentemente será difícil saber qual lado é o direito ou o esquerdo. A lateralidade é importante porque permite à criança fazer uma relação entre as coisas existentes em seu meio. Dizemos que uma criança que já tenha uma lateralidade definida e que esteja consciente dos lados direito e esquerdo de seu corpo está apta para identificar esses conceitos no outro e no espaço que a cerca (OLIVEIRA, 2007).

Obedece, portanto, a algumas etapas. “Primeiro assimila os conceitos em si mesma, depois os objetos em relação a si mesma. Em seguida, descobre-os no outro que está à sua frente e finalmente nos objetos entre si. O conceito estável de esquerda e de direita só é possível aos 5 ou 6 anos e a reversibilidade (possibilidade de reconhecer a mão direita ou a mão esquerda de uma

peessoa à sua frente) não pode ser abordada antes dos 6 anos, 6 anos e meio” (MEUR; STAES 1984, p. 13).

Pontos negativos, tais como (i) comprometimento na leitura e escrita, (o ritmo da escrita pode ser mais lento. A criança talvez não tenha força e precisão suficientes para imprimir maior velocidade. A escrita torna-se muitas vezes ilegível e mesmo especular); (ii) má postura, (pode resultar em um desestímulo decorrente do esforço que precisa fazer para escrever); (iii) dificuldade de coordenação fina (há uma probabilidade de maior imprecisão dos movimentos finos); (iv) dificuldade de discriminação visual (a criança pode apresentar confusão nas letras de direções diferentes como d, b, p, q); (v) perturbações afetivas (podem ocasionar reações de insucessos, falta de estímulo para a escola, baixa autoestima); (vi) distúrbio da linguagem e do sono; (vii) aparecimento de maior número de sincinesias (sincinesia é o comprometimento de alguns músculos que participam e se movem, sem necessidade, durante a execução de outros movimentos envolvidos em determinada ação. É involuntária e geralmente inconsciente. Ela está relacionada com o estado de fundo tônico. Verifica-se tensão muscular nos braços, pés, por exemplo, que não estão executando o movimento. Isto quer dizer que, ao realizar um movimento com as mãos e os pés, pode-se observar sincinesia nos olhos, que podem ficar arregalados ou tensos, na boca, sua abertura, mordedura e língua para fora, nos outros membros etc.); (viii) dificuldades de estruturação espacial (faz parte integrante da lateralização) A lateralização é a base da estruturação espacial e é através dela que uma criança se orienta no mundo que a rodeia (MEUR; STAES 1984).

#### 2.4 O desenvolvimento da criança

Ao nascer, a criança ainda não apresenta dominância lateral determinada, e aproximadamente aos 18 meses

já podemos observar o início desta lateralização, que pode ser determinada por vários fatores, desde a posição fetal até uma maior ou menor maturação de um dos hemisférios cerebrais. Esta desigualdade vai se tornar mais precisa durante o desenvolvimento e vai manifestar-se durante os reajustamentos práticos de natureza intencional (LE BOULCH, 1986).

O esquema do desenvolvimento é comum a todas as crianças, mas as diferenças de caráter, as possibilidades físicas, o meio e o ambiente familiar explicam que com a mesma idade crianças perfeitamente “normais” possam comportar-se de maneiras diferentes. A criança que progrediu inicialmente muito rápido pode deduzir o seu ritmo e ser alcançada por aquela criança que parecia “atrasada” alguns meses antes. É importante que a criança viva o concreto (ALVES, 2007).

A partir do momento em que certas aquisições, como a linguagem, por exemplo, se desenvolvem rapidamente, os progressos em outras áreas estacionam, é preciso compreender que a criança não pode centrar seus esforços em todos os aspectos ao mesmo tempo. Desta maneira “fazer julgamentos do desenvolvimento de uma criança é muito mais complexo do que parece: não é suficiente apreciar, baseado num manual, é preciso ter em vista o conjunto da criança e de suas condições de vida familiar e não se preocupar com apenas um déficit” (ALVES, 2012, p. 19).

O que caracteriza uma criança inadaptada, seja qual for o tipo ou inadaptação, é a falta por razões constitucionais, acidentais, afetivas etc., de certas etapas de elaboração de seu ego corporal (ALVES, 2012).

A determinação do estágio de desenvolvimento da criança é indispensável para que se estabeleçam as condutas educativas que poderão favorecer os diversos aspectos de desenvolvimento e conhecimento e, portanto, simplificar a

adaptação da criança ao meio em que vive. Como critério de avaliação pode sugerir: (i) observação do desenvolvimento psicomotor; (ii) o desenho, em especial da figura humana, que está intimamente ligado à evolução do esquema corporal; (iii) o comportamento social; (iv) aos 3 ou 4 anos é que a criança adquire as primeiras noções de aqui, ali, lá, acolá, frente, atrás, longe, perto etc. (MEUR; STAES, 1991).

É preciso considerar o conceito de prontidão para aprendizagem. Esta depende de alguns aspectos tais como, (i) certo grau de desenvolvimento mental; (ii) coordenação dos olhos suficiente para uma clara percepção; (iii) habilidades para atender a símbolos; (iv) experiências para que a criança possa relacionar o que lê as coisas que já conhece, interesse em histórias e capacidade de aprender o conhecimento seguinte; (v) interesse ou desejo de aprender maturação social e emocional. Considerando-se a linguagem como compreensão, temos: (vi) até 8-9 meses de vida: a criança passa por uma fase pré-linguística; (vii) entre os 8 e 18 meses, ela entra numa etapa compreensiva; (viii) entre os 18 meses e os 3 anos, instala-se o pensamento concreto ou a representação mental dos objetos; e (ix) dos 3-6 anos, é a etapa mais importante para o desenvolvimento da linguagem (MEUR; STAES, 1991).

### 2.5 Lateralidade e conhecimento “esquerda-direita”

Não se deve confundir lateralidade (dominância de um lado em relação ao outro, no nível da força e da precisão) e conhecimento “esquerda direita” (domínio dos termos “esquerda” e “direita”).

O conhecimento “esquerda-direita” decorre da noção de dominância lateral. É a generalização, da percepção do eixo corporal, a tudo que cerca a criança; esse conhecimento será mais facilmente aprendido quanto mais acentuada e homogênea for a lateralidade da criança

(MEUR; STAES, 1984).

“O conhecimento “esquerda-direita” faz parte da estruturação espacial por referir-se à situação dos seres e das coisas, mas está de tal forma vinculado à noção de dominância lateral que colocamos essa aprendizagem imediatamente após a da lateralidade” (MEUR; STAES, 1991, p. 12 e 13).

O conhecimento estável da esquerda e da direita só é possível aos 5 ou 6 anos e a reversibilidade (possibilidade de reconhecer a mão direita ou a mão esquerda de uma pessoa à sua frente) não pode ser abordada antes dos 6 anos, 6 anos e meio. A partir dos 7 anos, a criança se torna capaz de uma descentralização mais importante dos seus pontos de referência, e será capaz de projetar em outro essa discriminação espacial de partes do seu próprio corpo. À direita e à esquerda, já não dependem somente uma da outra, mas também do ponto de vista da pessoa que as considera. “A criança apercebe que as fronteiras delimitadas por esses termos se modificam incessantemente em função dos seus próprios deslocamentos” (MEUR; STAES, 1991, p. 13).

A criança atinge por volta dos 10 anos, a descentralização completa. Ela manipula as noções de direita e esquerda sobre o outro, sobre o mundo exterior, independentemente de sua própria situação (COSTE, 1981).

### 3 INTERVENÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Avaliação de lateralidade

A educação física apresenta vários objetivos, estando entre eles um que é específico para as séries iniciais: buscar desenvolver as potencialidades da criança e, conseqüentemente, auxiliar na aprendizagem. Proporcionar a aprendizagem das crianças em vários esportes, criar o hábito da atividade física e mental bem como buscar o equilíbrio socioafetivo são outras finalidades da educação

física.

“O movimento corporal é um agente educacional por excelência” (GUISELINI, 1985, p. 33).

A pré-escola necessita priorizar não só atividades intelectuais e pedagógicas, mas também atividades que propiciem seu desenvolvimento pleno da criança (TOMAZINHO, 2002).

A recreação através de atividades motoras e afetivas, compõe um estado de equilíbrio na vida das pessoas, expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, promovendo a totalidade do ser humano (LIMA; BARBOSA, 2007). Por meio de atividades, ou mesmo, testes de lateralidade e atividades grafo motoras, pode-se fazer uma breve avaliação de lateralidade.

A respeito da motricidade, “uma experiência bem-sucedida com os jogos e as atividades de exploração faz com que a criança entre em equilíbrio com o seu próprio corpo” (ALMEIDA, 2003, p. 60).

Na escola, as atividades que se direcionam para essa aprendizagem vêm se tornando cada vez mais indispensáveis, pois causam mudanças consideráveis no gestual motor fino da criança, auxiliando no desenvolvimento da escrita (VINICIUS, 2010).

## **4 SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA PREVENÇÃO DE POSSÍVEIS PROBLEMAS**

Negrine (1986) propõe atividades específicas para o desenvolvimento da lateralidade, quanto à preferência de mão, pé e olho.

### **4.1 Quanto à preferência de mão**

#### **4.1.1 Arremessar uma bola a um alvo**

Esta tarefa deverá ser realizada com uma bola pequena, que a criança possa segurar com uma única mão; O alvo determinado poderá ser uma marca feita na parede ou qualquer outra convenção preestabelecida pelo avaliador.

O importante é que exista o alvo, pois isto fará com que a criança utilize a mão dominante e não qualquer uma das mãos. Anota-se a mão utilizada para realizar o arremesso.

#### **4.1.2 Escrever ou desenhar**

Esta tarefa tem duas alternativas que poderão ser utilizadas. Se a criança sob testagem ainda não souber escrever, solicita-se que ela desenhe alguma coisa. Se ela já souber escrever seu nome. Anota-se a mão utilizada para desenhar ou escrever.

#### **4.1.3 Fazer um quadro com palitos de fósforos conforme modelo apresentado**

Esta tarefa deve ser realizada somente com uma das mãos. Apresenta-se à criança o modelo, isto é, um quadrado feito com palitos de fósforo e solicita-se que ela faça outro igual, com outros quatro palitos, que deverão ficar à sua disposição. Caso a criança passe a utilizar as duas mãos na confecção de seus quadrados, deve-se interromper o teste e dizer a ela que deverá usar uma única mão, aquela que ela quiser. Anota-se a mão utilizada para realizar a tarefa.

### **4.2 Quanto à preferência de pé**

#### **4.2.1 Conduzir uma bola até determinado local, usando um único pé**

Nesta tarefa, demarca-se um espaço de 20 metros e solicita que a criança conduza uma bola, dando pequenos toques com um dos pés. Esta tarefa deverá ser realizada correndo e o percurso determinado deve ser cumprido em ida e volta. Caso se observe que a criança troca de pé ou utilizar um único pé, isto é, aquele que ele escolher. A bola utilizada deve ser uma bola de voleibol, ou alguma similar, de plástico. Não deve ser utilizada uma bola muito pequena. Anota-se o pé utilizado para conduzir a bola.

#### **4.2.2 Jogar uma bola rolando junto ao solo e pedir que a criança corra em sua**

direção e a chute com força

Nesta tarefa, o examinador coloca-se atrás da criança e joga a bola rolando junto ao solo. No momento em que a bola já estiver distante mais ou menos 5 metros da criança, solicita-se que ela corra em sua direção e a chute com força. Nesta prova não se deve jogar a bola em direção à criança, pois isto poderá influir no resultado, fazendo com que utilize o pé estiver mais à sua feição. A bola utilizada deve ser a mesma da tarefa anterior. Anota-se o pé utilizado para chutar a bola.

#### 4.2.3 Chutar com força a bola parada, até um determinado alvo

Esta tarefa consiste em fazer a criança chutar uma bola para um alvo, com força, pois o ato de simplesmente chutar uma bola, com determina uma série de testes de lateralidade, não garante que a criança utilize o pé dominante, principalmente em teste com meninas. É fundamental que o chute na bola seja dado com força. Anota-se o pé utilizado para chutar a bola (NEGRINE, 1986).

### 4.3 Quanto à preferência de olho

#### 4.3.1 Olhar em um monóculo

Solicita-se que a criança pegue um monóculo e diga o que está observando. O monóculo deve ser observado. O monóculo deve estar com alguma coisa atrativa, como uma paisagem, um personagem infantil, ou qualquer outra coisa, anota-se o olho direito, isto é, aquele utilizado para observar.

#### 4.3.2 Olhar em um caleidoscópio

Solicita-se à criança que pegue um caleidoscópio e observe, fazendo girar. Anota-se o olho diretor, como tarefa anterior.

#### 4.3.3 Olhar em um canudo de papelão

Para esta tarefa, pode-se utilizar um canudo de papelão em forma de cone, geralmente utilizado para enrolar fios usados em malharia, solicita-se à

criança que observe pelo orifício um determinado alvo, e anota-se o olho diretor.

## 5 Considerações finais

Como foi descrito ao longo deste estudo, a lateralidade é o uso preferencial resultante de uma dominância, homolateral e não total, de um dos hemisférios cerebrais. A lateralização é a base da estruturação espacial e é através dela que uma criança se orienta no mundo que a rodeia.

Em destaque no período escolar, todas as necessidades para o desenvolvimento da lateralidade devem ser atendidas. É preciso proporcionar condições favoráveis no ambiente a ser explorado pela criança, deixando que a mesma possa agir com espontaneidade para que possa ter uma boa noção em relação a como orientar-se no espaço.

A motricidade infantil evolui através de uma série de estágios, sendo os mais importantes no período da infância, que é caracterizado pela organização psicomotora e o período da estruturação da imagem corporal, da pré-adolescência e adolescência, caracterizado pela melhora do desempenho, particularmente na parte motora.

Pode-se observar que a definição da lateralidade antes da fase escolar é fundamental para um perfeito desenvolvimento das aprendizagens da leitura, da escrita, do cálculo, entre outras. As crianças, entre 5 e 6 anos, em sua maioria, apresentam maior preferência lateral manual, pedal e ocular, onde se conclui que, ao chegarem à idade escolar, provavelmente elas já apresentaram a lateralidade definida para os três segmentos.

Cabe ao profissional em educação física, um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades motoras, principalmente nas fases iniciais. O objetivo principal do professor, além das habilidades e competências presentes nos parâmetros curriculares proporcionados

pela BNCC, é proporcionar vivências, através de suas atividades, que estimulem cada vez mais essas habilidades motoras, respeitando cada etapa.

A escola precisa proporcionar experiências, que faltam na maioria das vezes no ambiente familiar, onde também deveria ser estimulado. Essa intervenção pode trazer diversos benefícios para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança, e posteriormente, prevenir diversos problemas no desenvolvimento motor e cognitivo. Desta forma, podemos considerar de grande relevância trabalhar com os alunos o aprimoramento da lateralidade para a melhoria do desenvolvimento motor, e sendo assim, reforçar aos profissionais, a importância desse aprimoramento da lateralidade no desenvolvimento motor humano, e desperta em todos os educadores o interesse em ampliar o conhecimento sobre o tema estudado e sua aplicabilidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Rio de Janeiro: editora Wak. 2012.
- COSTE, J. C. *A Psicomotricidade*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.
- FARIA, A. M. *Lateralidade: implicações no desenvolvimento infantil*, Rio de Janeiro: Sprint. 2001.
- FONSECA, V. *Desenvolvimento Humano. Da filogênese à ontogênese da motricidade*. Lisboa. Editorial Notícias. 1989.
- FONSECA, V. *Psicomotricidade: perspectivas Multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed. 2004.
- FONSECA, V. *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte Editora. 2003.
- KISHIMOTO, T. M. (Org). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LE BOULCH, J. *O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até os 6 anos*. Tradução de Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- LE BOULCH, J. A. *Educação Psicomotora: Psicocinética na Idade Escolar*. Tradução: WOLF, Jeni. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LIMA, A. S. BARBOSA. S. B. *Psicomotricidade na Educação Infantil – desenvolvendo capacidades*. 2007. Acesso em: 12 set. 2013.
- MEUR, A. de; STAES, L. *Psicomotricidade: educação e reeducação*. São Paulo: Manole, 1984.
- NEGRINE, A. *Educação psicomotora: a lateralidade e a orientação espacial*. Porto Alegre: Pallotti, 1986.
- NEGRINE, A. *O Corpo na Educação Infantil*. Caxias do Sul: EDUCS. 2002.
- NEGRINE, A. *Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil – Perspectiva psicopedagógicas*. Porto Alegre: Ed. Prodil, 1999.
- NEGRINE, A. *Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil – Psicomotricidade: alternativas pedagógicas*. Porto Alegre: Ed. Prodil.1995.
- PACHER, L. *Lateralidade e Educação Física*. Disponível em: <[www..icpg.com.br/artigos/rev03-09.pdf](http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-09.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2023.

PACHER, L. A. G. Lateralidade e Educação Física. Instituto Catarinense de Pós-graduação. Santa Catarina, 2009.

RIBEIRO, C. C. A importância e como se desenvolvem os Elementos básicos da psicomotricidade na Educação infantil. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2005.

ROCHA, A. A. B. C. A lateralidade em crianças dos três aos 8 anos de idade. Dissertação (Mestrado). Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2008.

ROMERO, E. Lateralidade e rendimento escolar. Rio de Janeiro: Sprint, 1988.

ROSA, N. F. Manual de Avaliação Motora. Porto Alegre: Artmed, 2002, 139p.

Compiladores: Resende, A. R.; Rossi, A. C. S.; Silveira, C. R. A.; Caetano, M. J. D.; Candido, R. P. 2002.

VAYER, P. A criança diante do mundo: na idade da aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artemed, 1982.

VAYER, P. Linguagem corporal: a estrutura e a sociologia da ação. Porto Alegre: Artemed, 1985.

VAYER, P. O equilíbrio corporal – uma abordagem dinâmica dos problemas da atitude e do comportamento. Porto Alegre: Artemed, 1984.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Petrópolis, Vozes, 1986.